

19. Somos nada diante de um vírus invisível

Sônia Jeanjacque

Me chamo Sônia Jeanjacque, indígena do povo Galibi Kali'na e Karipuna, pertenço a aldeia Galibi, região do Rio Oiapoque, porém, devido aos estudos, moro no município de Oiapoque com meu companheiro e meus filhos: Marcela de 15, Manuela de 12, Samilly de 10 e o Pietã, de 03 anos. No início do isolamento avalei a possibilidade de ir para minha comunidade, porém cheguei a conclusão que deveria me manter na cidade para evitar um possível contágio com a minha participação, já que não sabíamos se estávamos ou não infectados. Logo após este período de reflexão percebi que era o certo, assim como seguir as recomendações das lideranças e representações indígenas que estavam pedindo e conscientizando as pessoas (indígenas e parceiros) para não adentrarem nas aldeias, como forma de tardar e até mesmo barrar a entrada do vírus nas comunidades indígenas, já que no Amapá havia casos confirmados e sabemos que estamos lidando com um inimigo invisível.

O momento que senti mais medo foi quando soubemos do primeiro caso no Oiapoque e, logo depois, meu irmão, que é enfermeiro, começou a apresentar os sintomas da COVID-19. Bateu o desespero porque não sabíamos o que podíamos fazer por ele, logo nos primeiros sintomas meu irmão se isolou, ficou longe de nós. O caso dele foi confirmado e nosso medo era que ele, em um momento que precisasse de nós, de sua família, nós não estaríamos ao lado dele para ajudar. Também tive medo da reação do nosso pai com essa situação. Meu pai já perdeu nossa mãe, teve uma série de mortes recentes na nossa família, e isso tudo deixou ele mais vulnerável a essas situações.

Nos isolamos em casa, procuramos evitar ao máximo o contágio, sair de casa somente quando necessário e, no retorno, sempre tomar logo banho e deixar as roupas de molho (em água com sabão e água sanitária). Nas compras lavamos tudo o que pode ser lavado e nas outras passamos álcool, pois a preocupação é grande para quem é mãe, principalmente quando pensamos nos nossos filhos. Ficava imaginando se eles viessem a ficar doentes e precisassem ir ao hospital e eu não pudesse acompanhá-los, isso é angustiante!

Foram noites sem poder dormir por saber que meu irmão estava doente e que ninguém podia fazer nada para ajudá-lo, a não ser pedir a Deus e para nossos grandes espíritos para que o ajudassem a ficar bem o mais rápido possível.

Essa última semana meu esposo foi diagnosticado com COVID-19, depois eu e minha cunhada também fomos. Todos vivemos na mesma casa, ou seja, bem provável que meus filhos também estejam contaminados. Mas quando o resultado do exame saiu nós já tínhamos passado pelo pior, os sintomas já estão passando e nos recuperamos bem. No entanto, por se tratar de uma doença desconhecida, não sabemos quais as sequelas que iremos ter.

Não temos mais avós, então a nossa preocupação é com meu pai e uma tia, que já passou por várias cirurgias e têm problemas de pressão alta. Também me preocupo com os parentes e amigos, até mesmo com quem não conheço, não queremos que eles sejam contagiados. Quando meu pai soube que estávamos com os sintomas da doença ficou muito preocupado, mas soube manter a calma, é preciso ter calma, isso é muito importante. Acho que ele estava mais calmo porque meu irmão já tinha se curado, então ele sabia que podíamos nos curar também. Nosso medo é porque tenho problemas respiratórios e, para pessoas como eu, essa doença é muito mais difícil, não sabemos como o organismo reage.

Desde o início da quarentena estamos fazendo chá para tomarmos (receita da minha avó Kali'na) e, talvez, isso possa ter ajudado a não evoluir para sintomas mais fortes. Há outro ponto importante nessa situação, como lidar com as crianças e adolescentes que ficam em casa, presos, sem poder sair? É muito difícil! Minha filha de 15 anos, no começo, chorava muito, dizia que não estava aguentando ficar presa. Agora ela está mais calma, mas os outros também pedem para sair, embora eu não permita.

Meus filhos assistem jornal, os mais velhos conseguem entender, ficam preocupados com as notícias, com as mortes e com o aumento de números de casos aqui no Oiapoque. Durante todo esse período procuro manter o contato com a minha família que se encontra na aldeia, visto que meu pai e meu irmão estão lá, então, para evitar que venham aqui na cidade, busco fazer o possível para ajudá-los com as coisas que posso fazer daqui.

Esse período é de muita reflexão, pelo menos para mim. Quem somos? Quanto vale uma vida? O que realmente importa? Somos nada diante de um vírus invisível, capaz de parar o mundo, separar famílias, parar a vida corrida que muitos têm, tirar a dignidade de um ser humano mesmo depois de morto.

Durante esse período sombrio nunca perdi a esperança em dias melhores e nessas últimas semanas notei em pequenos detalhes da natureza, nos dias de verão, no céu azul e nos ventos que sopram com uma delicadeza que é como se os nossos grandes espíritos falassem através deles: “está passando, estamos aqui guiando vocês para que tudo dê certo, já passamos por muitas guerras no passado e vocês vão passar por esta no presente”.

Oiapoque, Amapá, Brasil

07 de junho de 2020